



# LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

---

**Organizadores:**  
**Heloisa Monteiro Rosário**  
**Sara Luiza Hoff**  
**Valdir do Nascimento Flores**

# LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

---

**Organizadores:**  
**Heloisa Monteiro Rosário**  
**Sara Luiza Hoff**  
**Valdir do Nascimento Flores**

2022

1ª edição

Porto Alegre

editora  
**ZO**  
**UK**

2022 © Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff e Valdir do  
Nascimento Flores

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Capa: Heloisa Monteiro Rosário

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

L533

Leituras de Émile Benveniste [recurso eletrônico] : estudos sobre literatura brasileira moderna / organizado por Heloisa Monteiro Rosário, Sara Luiza Hoff, Valdir do Nascimento Flores. - Porto Alegre : Zouk, 2022. 212 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-096-1 (Ebook)

1. Linguística. I. Rosário, Heloisa Monteiro. II. Hoff, Sara Luiza. III. Flores, Valdir do Nascimento. IV. Título.

2023-132

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

[www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)

## XII - O falante e a língua: sobre processos de associação linguística em Freud e Benveniste e a clínica dos distúrbios de linguagem

Jefferson Lopes Cardoso (UFRGS)  
jeflcardoso@hotmail.com

### 1. Introdução

O trabalho traz em seu escopo uma reflexão sobre a relação do falante com a língua. Mais especificamente sobre quando essa relação é pensada na Clínica dos Distúrbios de Linguagem.<sup>1</sup> Para levar essa reflexão a cabo, são discutidos os processos de associação linguística referidos nos estudos de Émile Benveniste e de Sigmund Freud. A partir das formulações feitas por esses autores destacam-se, em linhas gerais, algumas particularidades do processo de associação linguística relacionadas aos sujeitos que apresentam algum distúrbio de linguagem.<sup>2</sup> Em Freud, é abordado o processo de associação da palavra formulado no trabalho *A interpretação das afasias*, escrito em 1891. Em Benveniste, é abordado o processo de associação linguística entre os planos semiótico e semântico da língua referido no texto “A forma e o sentido na linguagem”, escrito em 1966, e no “A semiologia da língua”, escrito em 1969.

---

1 O sintagma Clínica dos Distúrbios de Linguagem abriga um conceito de clínica (CARDOSO, 2010). Trata-se de uma noção de clínica que acredita na impossibilidade de separação do sintoma de linguagem daquele que enuncia. Uma clínica em que os ditos *distúrbios de linguagem* são entendidos como manifestações singulares de linguagem que escapam à regra. São manifestações de um sujeito que, ao falar, ou não falar, marca uma posição na linguagem.

2 A expressão *distúrbios de linguagem* denomina o conjunto das manifestações de linguagem de um sujeito que comparecem na instância clínica. Estão incluídas nessa designação desde manifestações decorrentes de problemas neurossensoriais, anatômicos, intelectuais, motores, neurológicos, de estrutura psicológica, entre outros, até as manifestações de linguagem presentes em quadros sindrômicos, com ou sem etiologia orgânica definida.

## 2. Sigmund Freud e as associações da representação da palavra

Freud (1977), em *A interpretação das afasias*, faz um estudo detalhado sobre as afasias.<sup>3</sup> O seu trabalho contém uma crítica à *teoria das localizações*, a qual preconiza que as funções do sistema nervoso central têm sua sede em regiões determinadas do cérebro, sendo o processo fisiológico da linguagem um reflexo cerebral. Em sua tese, Freud explica as perturbações da linguagem com base numa tal estrutura do aparelho de linguagem. Para ele, as perturbações de linguagem ensinam sobre o funcionamento desse aparelho. O interessante é que já no primeiro parágrafo de sua obra Freud utiliza a expressão “aparelho associativo de linguagem”:

[...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afectivos que o perturbam [...]. É óbvio considerar a parafasia na sua vasta acepção como um sintoma puramente funcional, como um sinal de funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem (FREUD, 1977, p. 35).

Alguns leitores da obra freudiana afirmam que em *A interpretação das afasias* o psicanalista faz linguística, em muitos aspectos para além de Roman Jakobson. Para esses leitores, nesse estudo está presente a superação rígida entre *normal versus patológico*, e uma antecipação da teoria sobre o ato falho, o chiste e o lapso como exemplos de condensação e deslocamento operados pela linguagem. Garcia-Roza (1991) é um dos que concorda que, mesmo que não haja uma intenção declarada, o estudo de Freud sobre as afasias contém algumas antecipações de conceitos desenvolvidos posteriormente nos textos psicanalíticos. No entanto, o autor não crê que o texto freudiano seja de linguística. Para ele, “o texto freudiano é um texto de neurologia. O que podemos dizer é que, enquanto texto de neurologia da época, e que aponta para uma

---

3 Afasia é um distúrbio de linguagem que afeta a capacidade de comunicação de uma pessoa. Geralmente acontece por alguma lesão ou acidente vascular cerebral (AVC). Para os nossos interesses neste trabalho, citamos apenas, de forma muito resumida, dois dos tipos de afasia analisadas por Freud: a) *afasia sensorial*/área de Wernicke, em que a compreensão é afetada, mas preserva a articulação da fala – que pode ser caracterizada como “estilo telegráfico”, com sílabas sem sentido, com nenhuma palavra compreensível, com o empobrecimento de partes do discurso (substantivos, adjetivos, verbos etc.) b) *afasia motora*/área de Broca, em que a “fala” é afetada, mas preserva o aspecto compreensivo da linguagem – o falar espontâneo é impossível, mas a repetição e a leitura em voz alta podem acontecer.

problemática que não é mais, sequer, a da própria neurologia, mas que também não é da linguística, mas sim da psicanálise” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 29).

Ao abordar a relação entre o psíquico (psicológico) e o fisiológico, Freud questiona o fato de que, para a medicina da época, uma representação seja o efeito mecânico da estimulação periférica, ou, mais amplamente, de que o processo psicológico seja um epifenômeno ou uma duplicação mecânica do processo fisiológico. Para ele, “[...] a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos [...]. O psíquico é um processo paralelo ao fisiológico” (FREUD, 1977, p. 56).

Nesses termos, não há uma relação mecânica entre elementos sensoriais (impressões) e elementos psíquicos (representações), mas um paralelo entre essas duas ordens de processos. Para Freud, não podemos ter uma sensação sem logo associá-la, logo “*sensação e associação* são dois nomes com que designamos duas diferentes perspectivas do mesmo processo” (FREUD, 1977, p. 57).

É então que, para mostrar o que é que o estudo das perturbações de linguagem nos ensina, em torno das funções do aparelho de linguagem, separa o aspecto psicológico do anatômico. Nessa direção a ênfase vai para a psicologia, cuja unidade da função da linguagem é a palavra. A palavra que, como destaca Freud, é uma complexa representação composta por elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Segundo Freud, “geralmente são mencionadas quatro componentes da representação da palavra: a imagem acústica, a imagem visual de uma letra, a imagem motora da linguagem, e a imagem motora do escrever” (FREUD, 1977, p. 67).

Mas são as associações as responsáveis pela estruturação do aparelho de linguagem. E aqui é importante distinguir os dois tipos de associação que entram no jogo da representação da palavra: a) associação enquanto relação entre termos que articula os vários elementos (acústico, visual e cinestésico) que formam uma representação-palavra; b) associação da representação-palavra com as demais representações-palavra, o que Freud denomina de *superassociação*.

Evidentemente, as associações da língua com que trabalha a nossa capacidade linguística são capazes de uma *superassociação* e nós damos conta deste processo porquanto só com dificuldade executamos as novas associações, pelo que *o que é superassociado é danificado antes do associado primário, em todo o lado onde exista a lesão* (FREUD, 1977, p. 611, grifos do autor).

É a *superassociação* que nos interessa em especial, essa associação de associações. A complexidade do processo associativo entre palavras se mostra

quando o analisamos em cada uma das atividades humanas. Sobre as atividades, Freud cita: o aprender a falar; o aprender uma língua; o aprender a soletrar; o aprender a ler; o aprender a escrever. Entre essas atividades, sublinhamos aquela que realizamos quando aprendemos a falar.

Aprendemos a *falar* na medida em que associamos uma *imagem acústica da palavra* com uma *sensação a nível de inervação da palavra*. Quando falamos chegamos à posse de uma *representação motora da linguagem*. [...] após falar obtemos uma *imagem acústica* da palavra pronunciada. Enquanto não tivermos desenvolvido ulteriormente a nossa linguagem, basta que essa segunda imagem acústica seja associada à primeira, não é necessário que seja igual. [...] comportamo-nos como quem está atingido pela afasia motora, associando o som a nós estranho de diversas palavras com um único som produzido por nós (FREUD, 1977, p. 67, grifos do autor).

Em outras palavras, a criança associa a imagem acústica da palavra que quer falar à imagem acústica de outra palavra, já falada por ela. Assim, produz a mesma materialidade sonora para diferentes palavras. Ou, de outra forma, produz diferentes sons de acordo com as suas possibilidades de produção (associações).

### 3. Émile Benveniste e as associações linguísticas na língua

Na análise de alguns textos de Benveniste, se observa que a significação assume, progressivamente, o *status* de conceito operatório (NORMAND, 1996). A primazia dada à questão da significação fica mais transparente, em especial, no estudo semiológico empreendido pelo autor. A temática acerca da significação está presente, especialmente, na conferência, proferida por Benveniste em um congresso de filosofia em 1966: “A forma e o sentido na linguagem”.

A discussão em torno das noções de *forma* e *sentido* vai promover o estudo semiológico empreendido por Benveniste. A defesa desse estudo é mais visível em “A semiologia da língua”, escrito em 1969, no qual é indicada a construção de uma semiologia de “segunda geração”, que irá contribuir, segundo o linguista, para o desenvolvimento de outros ramos da semiologia geral. É assim que o interesse pela *significação*, tanto em relação aos sistemas de signos em geral – texto de 1969 – como em relação ao estudo da língua – no texto de 1966 –, leva Benveniste a distinguir dois modos distintos de significância que estão combinados na língua: modo semiótico e modo semântico.

A distinção de duas maneiras de ser língua – semiótica e semântica – tem como base um duplo aspecto: o caráter significante da língua; e “o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido” (BENVENISTE, 1989, p. 224). É tomando por base esses aspectos que Benveniste pretende avançar na noção, muito geral, de significação encontrada na ideia de signo em Saussure. A proposta então é ir além de Saussure na análise da língua como sistema significante. Essa proposta, em que os dois modos de língua estão implicados, vai considerar o *signo* como sendo a *unidade semiótica* e a *frase* como a *unidade semântica*. É assim que, para explicar os dois modos de ser da língua, Benveniste faz intervir os pontos de vista – da *forma* e do *sentido* – sobre o signo e sobre a frase.

Resumimos essa dupla intervenção. A esfera semiótica, cuja unidade é o signo, tem *forma* e *sentido*. O *significante*, que é forma em relação à unidade signo, tem *forma* (estrutura formal do significante) e tem *sentido* (função distintiva). A outra face do signo, o *significado*, que é sentido em relação à unidade signo, tem *forma* (reconhecimento e uso) e tem *sentido* (significa). Reconhece-se, assim, a dupla incidência dessas noções sobre o plano semiótico da língua.

Indo para o plano semântico, a unidade é a *frase*. Assim como na esfera semiótica, no semântico as noções de *forma* e *sentido* vão coexistir. A síntese dessa coexistência pode ser representada pelo argumento de Benveniste de que o *sentido* se realiza formalmente na língua pela escolha e pelo agenciamento de palavras (BENVENISTE, 1989, p. 230). Para ele, no discurso não há signos, mas palavras que são agenciadas pelo locutor em circunstâncias únicas. Ao serem agenciadas, essas palavras passam a integrar a frase que, segundo Benveniste, é a expressão semântica por excelência. Como diz o autor: “Afim, é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 1989, p. 228).

Se a *forma*, no semântico, corresponde ao agenciamento das palavras no sintagma, o *sentido* é a ideia que a frase exprime. Nesse ponto, Benveniste trata de uma questão que, segundo ele, é muito difícil: “ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’ (BENVENISTE, 1989, p. 83). Essa questão, mesmo que formulada textualmente em trabalho posterior, ganha um destaque especial quando Benveniste discute a esfera semântica da língua. O estudo sobre o “sentido” é relevado no quadro teórico do autor, e quando ele diz que a ideia só encontra forma num agenciamento sintagmático, está enfatizando que a *forma* e o *sentido na linguagem* devem ser compreendidos no funcionamento da língua.



Da divisão entre os dois modos de língua – semiótico e semântico – decorrem outros aspectos fundamentais para o entendimento da teoria enunciativa de Benveniste. Um desses aspectos é o debate acerca da diferença, do ponto de vista do sentido, entre a concepção de frase e de palavra. O sentido de uma frase equivale a sua ideia, e o sentido de uma palavra é o seu emprego. Ao usar a palavra, o locutor sai do plano semiótico e entra no plano do semântico. Podemos dizer então que a palavra é o elemento que articula: língua e discurso. Se no interior da língua o signo tem caráter distintivo e conceito genérico, no plano semântico a frase, composta por palavras, é que materializa a ideia num “aqui” e “agora”. Portanto a ideia, sempre única, é especificada pelo locutor no uso singular que este faz do sistema da língua.

Outro aspecto a destacar, que deriva do primeiro, é a questão da referência nessa dupla abordagem da língua. Se na esfera semiótica não há referência, visto que o signo é intralinguístico, no semântico a referência é à situação de discurso. É isso que faz da frase sempre um acontecimento diferente: ser referida num tempo presente, através de um conjunto cada vez único de circunstâncias.

Um terceiro aspecto é o de que os critérios de validade para a existência desses dois “modos de ser” da língua dependem de duas faculdades também distintas para o falante: de um lado, o signo deve ser reconhecido; de outro, o discurso deve ser compreendido. Sobre essas faculdades, Benveniste diz algo de especial interesse para este trabalho:

A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra. *Nas formas patológicas da linguagem, as duas faculdades estão frequentemente dissociadas* (BENVENISTE, 1989, p. 66, grifos nossos).

Ao afirmar que nas “formas patológicas” há uma dissociação, uma disjunção, entre o semiótico e o semântico, pode-se concluir que o inverso é verdadeiro. Ou seja, em condições ditas “normais”, o processo associativo entre os dois planos da língua – semiótico e semântico – é necessário para que o sujeito enuncie. Se por um lado, como diz Benveniste, “do signo à frase não há transição, nem por sintagmatização nem por nenhum outro modo” (BENVENISTE, 1989, p. 66), por outro lado há associação.

Indo ao encontro da Clínica dos Distúrbios de Linguagem, pensamos que nas “formas patológicas” o hiato que separa semiótico e semântico tem sua dimensão ampliada, de tal maneira que, para o sujeito com distúrbio de

linguagem, essa necessária associação se desfaz. Como diz Flores, “O falante, nesse caso, não se situa na aporia do hiato que há entre semiótico e semântico, na eterna operação de conversão da língua em discurso; ele se perde entre o semiótico e o semântico” (FLORES, 2019, p. 293).

#### 4. Questão para a Clínica dos Distúrbios de Linguagem

Abrimos este item com a seguinte questão: Como se configuram as associações linguísticas nos casos em que há um *distúrbio de linguagem*?

Partimos do princípio de que os *distúrbios de linguagem* se caracterizam por uma dissociação específica da isomorfia *forma/sentido*. Tal dissociação, sabemos, não é exclusiva dos *distúrbios de linguagem*. Ela é, também, perceptível na linguagem ordinária, visto que há muito se questiona a existência de relações biunívocas entre os elementos formais da língua e o sentido que esses elementos veiculam. As teorias linguísticas, em geral, problematizam a existência de um isomorfismo absoluto nas línguas e mesmo entre as línguas. Porém, a questão que se impõe, do nosso ponto de vista, é que em casos de *distúrbios de linguagem* essa dissociação da relação *forma/sentido* tem especificidades que podem ser determinantes de uma não compreensão do sentido.

A quebra da isomorfia *forma/sentido*, nesses casos, tem uma particularidade que está relacionada aos aspectos de reconhecimento e de compreensão das unidades da língua (cf. 3). Em todos os casos de *distúrbios de linguagem*, independentemente do tipo de alteração, é o uso da língua que é colocado em questão. Todos, cada um com a sua particularidade, refletem ou um problema de reconhecimento do signo, ou uma dificuldade na compreensão da “ideia”, ou, ainda, um problema em que ambos os aspectos estão em jogo.

Assim, na clínica, o problema das associações linguísticas acontece por diferentes tipos de relação: entre o signo e a palavra/frase; entre o sentido e a estrutura formal do significante; entre a imagem acústica e o significado; entre a ideia e o agenciamento sintático; entre a imagem acústica de um signo e a imagem acústica de outro signo etc. Essa complexidade precisa ser compreendida e considerada pelo fonoaudiólogo no seu trabalho clínico.

#### 5. Conclusões

Nossas conclusões são de caráter geral, e podem ser divididas em dois grupos: no primeiro grupo estão as conclusões em relação aos autores Freud e

Benveniste; no segundo grupo estão as conclusões relacionadas à Clínica dos Distúrbios de Linguagem/ao clínico.

Em relação aos autores: ambos fazem referência aos processos associativos linguísticos; consideram o funcionamento de linguagem/uso como elemento central relacionado à fala; mencionam a implicação dos processos de associação no distúrbio de linguagem.

Em relação à clínica/ao clínico: é importante que o fonoaudiólogo considere o falante e as relações que mantém com a língua por meio do outro/interlocutor; que entenda e reflita sobre a complexidade dos processos associativos linguísticos no seu trabalho clínico; que possibilite ao paciente a construção de associações linguísticas, considerando os aspectos relacionados à forma e ao sentido da linguagem.

## Referências

BENVENISTE, É. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 221-242.

BENVENISTE, É. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 43-67.

CARDOSO, J. L. *Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem*. 2010. 102 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FLORES, V. do N. *O escafandro e a borboleta* ou o testemunho da fala que falta ao falante. In: FLORES, V. do N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 273-300.

FREUD, S. *A interpretação das afasias*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana* – 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996. p. 128-152.